

*“E de muitas
coisas lhes falou
por parábolas”*

Leitura Bíblica 12

V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA (continuação).

- O. O primeiro grande grupo de parábolas.
1. A ocasião e o cenário (Mateus 13:1–3; Marcos 4:1, 2; Lucas 8:4).
 2. A parábola do semeador—e a explicação (Mateus 13:3–23; Marcos 4:3–25; Lucas 8:5–18).
 3. A parábola do crescimento silencioso (Marcos 4:26–29).
 4. A parábola do joio (Mateus 13:24–30).
 5. As parábolas do grão de mostarda e do fermento (Mateus 13:31–35; Marcos 4:30–34).
 6. A parábola do joio explicada (Mateus 13:36–43).
 7. As parábolas do tesouro e da pérola (Mateus 13:44–46).
 8. A parábola da rede de peixes (Mateus 13:47–53).

INTRODUÇÃO

Na lição anterior, iniciamos uma análise do que tem sido denominado “o dia agitado”. Um acontecimento chave ocorrido nesse dia foi a acusação dos fariseus de que Jesus estava expulsando demônios pelo poder de Satanás. A confrontação subsequente marcou um ponto de virada no ministério de Cristo. Uma das conseqüências foi que Jesus mudou Seu estilo de pregação: cada vez mais Seu ensino público foi sendo feito por parábolas (Mateus 13:34, 35; Marcos 4:33, 34). Outra conseqüência foi a primeira retirada registrada de Cristo para a outra margem do mar da Galiléia (Marcos 4:33, 35). Estudaremos a travessia pelo mar na próxima lição; nesta lição nos concentraremos no “primeiro grupo de parábolas” contadas pelo Senhor¹.

A lição anterior encerrou-se com a história da mãe e os irmãos de Jesus indo vê-lo (Mateus 12:46–50). Depois disso, Cristo saiu da casa em que estivera ensinando e foi para um de Seus locais prediletos: a praia do mar da Galiléia (Mateus 13:1; Marcos 4:1). Como sempre, pessoas vinham de toda parte para ouvi-lo (Lucas 8:4) e mais uma vez Ele foi obrigado a falar de dentro de um barco, enquanto a multidão O ouvia em pé, na praia (Mateus 13:2; Marcos 4:1).

A situação podia ser familiar, mas o sermão que Jesus pregou ali não: consistiu numa série de histórias—todas curtas, algumas muito curtas. “E de muitas coisas lhes falou por parábolas” (Mateus 13:3a; veja Marcos 4:2a).

Jesus já havia usado parábolas antes. O relato de Lucas do sermão do monte diz que Cristo “propôs-

lhes também uma parábola” sobre um cego guiando outro cego (Lucas 6:39). Quando Jesus comeu com Simão, o fariseu, Ele contou a parábola dos dois devedores (Lucas 7:41, 42)². Muitos classificam a ilustração de Jesus dos sete demônios como uma parábola (Lucas 11:24–26)³. O que houve de diferente nessa ocasião de Mateus 13 foi o uso extensivo e exclusivo que Cristo fez de parábolas. Mateus escreveu: “Todas estas coisas disse Jesus às multidões por parábolas e sem parábolas nada lhes dizia”⁴ (Mateus 13:34; veja Marcos 4:33, 34). Em vez de usar parábolas para ilustrar Seu ensino, as parábolas tornaram-se o instrumento do Seu ensino.

Visto que as parábolas aparecem com tanta proeminência no restante do ministério de Jesus, faz-se necessária uma análise geral desse recurso. Feito isto, analisaremos umas dez parábolas contadas por Cristo naquele “dia agitado”.

PARÁBOLAS: UMA EXPLICAÇÃO (MATEUS 13:10–17; MARCOS 4:10–13, 21–25; LUCAS 8:9, 10, 16–18)

Jesus não foi o único pregador que usou parábolas. As parábolas fizeram parte do repertório dos

²A maioria concorda que a história dos dois devedores é uma parábola, embora ela não seja assim classificada no texto bíblico.

³Outras ilustrações usadas pelo Senhor também poderiam ser classificadas como “parábolas”; por exemplo, Mateus 11:16–19.

⁴A aplicação principal dessa afirmação era em relação ao ensino de Jesus proferido nessa ocasião junto ao mar da Galiléia. Depois disso, Cristo de fato falou às multidões usando outros métodos além das parábolas. Todavia, daquela hora em diante, as parábolas desempenharam um papel muito maior no Seu ensino.

¹Existem três “grandes grupos” de parábolas ao todo. O segundo grupo encontra-se em Lucas 15:1–16:31. O terceiro grupo encontra-se em Mateus 21:23–22:14 e nas passagens correlatas de Marcos e Lucas.

palestrantes do Antigo Testamento (Salmos 78:2⁵; Ezequiel 17:2; 20:49; 24:3; Oséias 12:10). Cristo, porém, é “o único professor da história que se distingue notavelmente pelo uso de parábolas”⁶. Sempre que se mencionam parábolas, inevitavelmente, pensamos em Jesus.

F. LaGard Smith escreveu: “Sendo o Grão-Mestre, Jesus usa numerosos métodos para instruir Seus discípulos.... De todos os Seus métodos, porém, talvez o mais interessante e distinto modo de ensino seja Seu uso de parábolas”⁷. H. I. Hester disse: “As parábolas de Jesus são insuperáveis devido à beleza literária: ‘Elas são arte literária da melhor qualidade já vista no mundo, combinando simplicidade, profundidade, emoção elementar e intensidade espiritual’”⁸.

Parábolas: O quê?

A palavra “parábola” vem de um termo grego composto (*parabole*) pela preposição que significa “ao lado de” (*para*) e pela forma nominal da palavra que significa “lançar” (*ballo*). Significa literalmente “aquilo que é lançado ao lado de” e está relacionada ao vocábulo “paralelo”, que pode ser ilustrado pelo desenho de duas retas paralelas:



Numa parábola, uma afirmação ou história (declarada) é “lançada ao lado de” uma verdade espiritual (geralmente não declarada). A afirmação ou história geralmente é muito simples, mas seu propósito é ensinar uma verdade significativa e profunda. O paralelismo pode ser ilustrado da seguinte maneira:

afirmação ou história declarada

verdade espiritual não declarada

⁵Salmos 78:2 é citado em nosso texto (Mateus 13:35). O que o salmista Asafe disse tornou-se, depois, típico nos discursos de Jesus.

⁶J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 338.

⁷F. LaGard Smith, *The Narrated Bible in Chronological Order* (“A Bíblia Narrada em Ordem Cronológica”). Eugene, Oreg.: Harvest House Publishers, 1984, p. 1394.

⁸H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 147. Hester citou William Sanday (1843–1920), um pregador inglês, escritor e professor em Cambridge.

Em alguns livros de hermenêutica⁹, a definição técnica de parábola é “uma símile ampliada”¹⁰. Símile é uma figura de discurso em que se faz uma comparação, geralmente empregando a palavra “como” ou “assim como”. “Esperto como uma raposa” e “vermelho como um pimentão” são símiles. Algumas parábolas enquadram-se nessa definição; mas no Novo Testamento, o termo não é restrito dessa maneira. Algumas parábolas são introduzidas por “como”, “assim como”, “semelhante a” ou termos equivalentes (Mateus 13:31, 33, 44, 45), mas nem todas (Mateus 13:3; veja Lucas 7:41, 42). Às vezes, também, a parábola não é “ampliada” em nenhum sentido do termo, mas é impressionantemente curta (Lucas 6:39).

A parábola também tem sido explicada como “uma história terrena com um significado celestial”. Isto se enquadra em algumas das parábolas mais conhecidas, como a do bom samaritano (Lucas 10:30–37) e a do filho pródigo (Lucas 15:11–32), mas seria difícil classificar algumas parábolas como histórias (veja Lucas 6:39; 8:16).

Verifique diferentes listas de parábolas de Jesus e você encontrará passagens que poderiam ser classificadas como símiles, metáforas, alegorias ou outras figuras de discurso de comparação. Às vezes, as parábolas são o que normalmente chamamos de ilustrações¹¹. Em Lucas 4:23, Cristo referiu-se a um provérbio como uma parábola¹². É melhor, portanto, se pensar numa parábola do Novo Testamento simplesmente como uma comparação traçada entre uma situação mais ou menos conhecida¹³ e uma verdade espiritual desconhecida; esta geralmente não era declarada, mas estava implícita, e aquela geralmente era declarada.

⁹“Hermenêutica” refere-se ao estudo da interpretação das Escrituras.

¹⁰Em contraste com a alegoria, que é definida como “uma metáfora ampliada”. Uma metáfora é uma comparação que não utiliza as palavras “como” ou “assim como”.

¹¹Devido ao amplo uso do termo “parábola” no Novo Testamento, é difícil encontrar duas listas de parábolas de Jesus que sejam iguais.

¹²A tradução para o português [e também para o inglês] diz “provérbio”, mas o original grego contém *parabole* (“parábola”).

¹³Via de regra, as parábolas de Jesus referem-se a acontecimentos corriqueiros, situações vividas por Seus ouvintes em suas famílias e negócios. Algumas vezes, Jesus usou uma situação menos conhecida—como o mundo dos demônios (Lucas 11:24–26) ou o estado dos mortos (Lucas 16:19–31)—mas nenhuma das parábolas deve ser vista como “um conto fantástico”. Todas se baseavam na *realidade*.

Parábolas: Por quê?

O uso extensivo de parábolas nesta ocasião surpreendeu os discípulos de Jesus. Assim que Ele terminou, eles foram até Ele em particular e perguntaram: “Por que lhes falas por parábolas?” (Mateus 13:10). Por que Cristo *usou* parábolas?

Em primeiro lugar, Cristo usou parábolas para revelar a verdade aos receptivos. Via de regra, quando consideramos o propósito das parábolas, pensamos inicialmente no valor positivo delas:

- Parábolas prendem nossa atenção: quase todo mundo gosta de uma história.
- Parábolas estimulam nosso raciocínio: elas nos fazem perguntar: “O que isto significa?”
- Parábolas incitam nossa compreensão: elas ilustram princípios abstratos.
- Parábolas facilitam nossa retenção: elas são fáceis de se memorizar.

As parábolas auxiliam na compreensão e avaliação de conceitos espirituais. Sem dúvida, elas também ajudaram os discípulos de Jesus. Cristo comparou o mestre sábio a um homem que “tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas” (Mateus 13:52). As parábolas eram um meio novo de se ensinar verdades antigas.

Em segundo lugar, Cristo usou parábolas para ocultar a verdade dos não-receptivos. Quando os discípulos de Jesus perguntaram por que Ele estava ensinando por parábolas, Ele não focalizou o positivo, mas o negativo. Disse Jesus: “...porque, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem” (Mateus 13:13). Ele citou Isaías: “Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos...” (Mateus 13:15; veja Isaías 6:10).

Ao ler essas palavras, tenha em mente o contexto: acusando Jesus de expulsar demônios pelo poder de Belzebu, os fariseus demonstraram que seus corações estavam irre recuperavelmente endurecidos. Era óbvio que eles não ouviam Jesus para aprender a verdade, e sim para encontrar um meio de apanhá-LO numa armadilha. Nesse ambiente hostil, Jesus começou a contar “histórias”—histórias que certamente pareciam desconexas para aqueles que não estavam dispostos a aprender e reveladoras para aqueles cujos corações estavam dispostos a passar tempo descobrindo seus significados (Mateus 13:16, 17).

Assim, as parábolas separavam os corações sinceros dos endurecidos. Num sentido, elas eram uma condenação aos não-receptivos.

Parábolas: Como?

Visto que as parábolas vão ocupar um papel

cada vez maior neste estudo do ministério de ensino de Jesus, devemos dizer algumas palavras sobre como interpretá-las.

O procedimento geral para se interpretar figuras de discurso bíblicas se dá em três passos: 1) entender a figura; 2) apurar a verdade bíblica à qual ela se refere; 3) definir o que as duas têm em comum. Esses passos podem ser assim adaptados para o estudo de parábolas: 1) descobrir tudo o que puder sobre o pano de fundo da história ou da declaração proferida por Jesus. Os cenários podem ser desconhecidos para o leitor atual. 2) Tentar determinar a verdade básica que está sendo ensinada. Em algumas ocasiões, Jesus explicou a parábola detalhadamente (Mateus 13:18–23, 36–43). Às vezes, após contar a parábola, Ele acrescentou uma aplicação (Lucas 7:42b–47; 10:29, 36, 37; 12:40). O contexto geralmente fornece uma pista da mensagem da parábola (Lucas 15:1–3; 18:1). Em outras ocasiões, a única ajuda será um conhecimento geral das verdades do reino de Cristo. 3) Finalmente, colocar lado a lado a parábola e a verdade para ver como aquela lança luz sobre esta.

Em relação ao terceiro passo, deve-se entender que, via de regra, *uma verdade central* é enfatizada em cada parábola. Há exceções a isso (examinaremos duas delas mais adiante), mas precisamos ter o cuidado de não exceder na interpretação de uma parábola, tentando fazer com que cada detalhe signifique alguma coisa¹⁴. Por exemplo, a leitura proposta para esta lição inclui a parábola de um homem que comprou um campo a fim de obter o tesouro ali enterrado (Mateus 13:44). A idéia principal da parábola é que o reino é valioso, e não que devemos imitar as atitudes do homem (que, na melhor das hipóteses, foram suspeitas). Estudamos anteriormente a parábola dos dois devedores e reforçamos que Deus não deve ser identificado com os credores inescrupulosos daqueles dias. Consideremos outras duas ilustrações a serem estudadas mais adiante: se tentássemos fazer cada detalhe “encaixar-se”, as palavras de Jesus em Lucas 12:39 e 40 sugeririam que Ele é um ladrão, e a parábola em Lucas 18:1–6 rotularia Deus de juiz injusto.

É necessário entendermos mais alguns princípios gerais de interpretação de parábolas. 1) A maioria das parábolas são sobre “o reino” (veja Mateus 13:24, 31, 33, 44, 45, 47). O propósito delas era revelar alguns aspectos do reino, incluindo como devem proceder os cidadãos do reino/igreja¹⁵. 2) Quando duas pa-

¹⁴Os pregadores provavelmente são os mais inclinados a isso.

¹⁵Veja o artigo “O Reino dos Céus”, na página 50 da edição “A Vida de Cristo—Parte 2”.

rábulas possuem detalhes semelhantes, os detalhes não possuem necessariamente o mesmo significado em ambas. Por exemplo, na parábola do semeador, “a semente é a palavra de Deus” (Lucas 8:11), e na parábola do joio, as sementes são “os filhos do reino” (Mateus 13:38). 3) Sendo figuras de discurso, as parábolas ilustram basicamente a verdade em vez de revelarem uma nova verdade. Deve-se, portanto, “hesitar em provar uma doutrina religiosa somente pela interpretação de uma única parábola”¹⁶.

Estas informações básicas são suficientes. Analisemos, agora, as parábolas contadas por Jesus naquele “dia agitado”.

PARÁBOLAS: EXEMPLOS

(MATEUS 13:3–9, 18–33, 36–50; MARCOS 4:3–9, 14–20, 26–32; LUCAS 8:5–8, 11–15)

Não sabemos se todas as parábolas que foram contadas naquele dia estão registradas (Marcos 4:2), mas Mateus relatou pelo menos nove delas. Marcos contém várias das mesmas parábolas de Mateus, além de uma que Mateus não registrou. Somente uma das parábolas contadas nesse dia encontra-se em Lucas: a parábola do semeador.

A Parábola do Semeador (Mateus 13:3–9, 18–23; Marcos 4:3–9, 14–20; Lucas 8:5–8, 11–15)

A parábola do semeador encontra-se em todos os três Evangelhos sinóticos devido à sua importância. Jesus disse aos Seus discípulos que se eles não entendessem essa parábola, não entenderiam nenhuma outra parábola (Marcos 4:13). A parábola do semeador serve de chave para todas as demais parábolas¹⁷: foi uma chave para entenderem por que as parábolas foram necessárias. Muitos, senão todos, dos que foram ouvir Jesus possuíam corações endurecidos, rasos ou divididos. Esta parábola em particular também serviu de chave para entenderem outras parábolas. A parábola do semeador será examinada com detalhes no próximo sermão, mas ela é tão importante que alguns comentários se fazem necessários neste momento.

Jesus começou Seu ensino à beira-mar falando de quatro tipos de solo: o solo à beira do caminho, o solo rochoso, o solo espinhoso e o solo bom¹⁸. Ao

¹⁶John Franklin Carter, *A Layman's Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 89.

¹⁷Alguém chamou-a de “uma parábola sobre as parábolas”.

¹⁸Considerando que a ênfase da parábola é os solos, e não o semeador, alguns comentaristas sugeriram que ela poderia ser chamada de “a parábola dos solos”. Todavia, Jesus

terminar¹⁹, assim que estavam a sós, Seus discípulos Lhe perguntaram qual era o significado da parábola (Marcos 4:10; Lucas 8:9)²⁰. Jesus explicou que cada um dos solos representava um estado do coração que afetaria como esse coração receberia a Palavra de Deus. Somente os que possuísem corações “bons e retos” teriam vidas espiritualmente frutíferas (Lucas 8:15).

Todos os dias, Jesus era cercado de todos os quatro tipos de coração. Os fariseus de coração duro tentavam apanhá-LO numa armadilha. A multidão volúvel estava entusiasmada com o ministério e os milagres de Cristo, mas não entendia a natureza real de Sua missão. Havia até os de coração dividido—tipificados por Judas, que relutava com seu amor ao dinheiro (veja João 12:6). Havia também uns poucos de coração bom e reto ao redor dEle, os quais fizeram Seu esforço sobre-humano valer a pena.

Esta parábola serviu para um propósito prático ao explicar aos discípulos de Jesus por que Ele fora rejeitado pelos líderes judeus. Ela também serviria para um propósito prático futuramente, quando eles mesmos comessem a pregar: explicava por que alguns aceitariam o evangelho e outros não. A mensagem dessa parábola ainda é vitalmente necessária a todos que ensinam e pregam a Palavra hoje.

A Parábola do Crescimento Silencioso (Marcos 4:26–29)

Segundo Marcos, imediatamente após Jesus contar a parábola do semeador, Ele falou de uma semente que cresceu sozinha até a época da colheita²¹. É uma história simples cujos detalhes são conhecidos a qualquer que já tenha plantado uma safra sem precisar cultivar a terra²². Como na parábola anterior, devemos pensar no solo como um coração humano e na semente como o evangelho. A parábola provavelmente foi contada para encorajar os discípulos:

disse: “Atendei... à parábola do semeador” (Mateus 13:18), por isso estamos usando essa designação.

¹⁹Embora a explicação da parábola do semeador apareça imediatamente, é provável que Jesus tenha terminado seu discurso parabólico à multidão, antes de Se retirar juntamente com Seus discípulos. Nessa ocasião, Ele parece ter explicado a parábola do semeador e a do joio—contando, a seguir, algumas parábolas dirigidas somente aos discípulos.

²⁰Embora a Bíblia registre explicações detalhadas de somente duas parábolas (a do semeador e a do joio), Marcos 4:34 diz que Jesus “tudo... explicava aos seus próprios discípulos”.

²¹Esta parábola é às vezes chamada de “a parábola da semente que cresceu sozinha”.

²²A maioria dos campos de grãos não é lavrada entre o plantio e a colheita. Podem ser irrigados e fertilizados, mas qualquer tentativa de lavragem arrancaria as plantas.

- O evangelho exerce efeito nos corações dos ouvintes, estejam ou não cientes disso.
- Leva tempo para a semente germinar e crescer, por isso precisamos ser pacientes.
- Permanecendo fiéis à tarefa de semear, Deus finalmente dará o crescimento (1 Coríntios 3:6).

Há mais de cinquenta anos, quando estudei a vida de Cristo com J. W. Roberts, o irmão Roberts falou de um editor da revista *Gospel Advocate* que realizava um encontro evangelístico onde não havia nenhuma igreja do Senhor. Durante três semanas, o pregador trabalhou, derramando o coração em cada sermão, na esperança de conseguir uma torrente de conversões. Houve apenas um batismo: uma menina pré-adolescente. O evangelista teve de se esforçar para não se sentir decepcionado. Temos, porém, de nos lembrar que a semente cresce lenta e silenciosamente, mas, com certeza, cresce. A garotinha cresceu, casou-se, teve seis meninos—e todos eles se tornam pregadores do evangelho. “E não nos cansemos... porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos” (Gálatas 6:9; veja Eclesiastes 11:6).

A Parábola do Joio (Mateus 13:24–30, 36–43)

Jesus também contou outra parábola sobre o crescimento da semente: Ele falou de um inimigo que semeou joio num campo logo depois de semear ali trigo. O joio é uma erva daninha muito parecida com o trigo, especialmente nos primeiros estágios de crescimento. Quando o ato destrutivo foi descoberto, os servos foram até o dono da terra e perguntaram se deveriam arrancar o joio. Àquela altura, as raízes das plantas jovens estariam entrelaçadas, por isso o agricultor disse: “Não! ...para que, ao separar o joio, não arranqueis também com ele o trigo” (Mateus 13:29). Ele instruiu os servos a deixarem as plantas crescerem juntas até a ceifa, ou colheita, quando então seria feita a divisão entre os grãos desejados e os indesejados (v. 30).

Mais tarde, os discípulos pediram para Cristo explicar a parábola (v. 36). Ele disse que o inimigo era o diabo, e que a ceifa era a consumação do século (v. 39). Nesta série, há duas parábolas relacionadas ao Dia do Juízo final; esta é uma delas²³. Os versículos 39 a 43 traçam um retrato vívido da segunda vinda e do juízo subsequente.

Alguns já tentaram aplicar esta parábola à disciplina na igreja, dizendo que ela nos ensina a não fazer nenhum esforço para excluir da comunhão os

trabalhadores maus. Tal interpretação contradiria o próprio Jesus (Mateus 18:15–18; veja também 1 Coríntios 5:4, 5, 11, 13b). J. W. McGarvey escreveu: “Esta parábola e sua explicação são às vezes usadas como um argumento contra a disciplina na igreja, mas esse uso é evidentemente errôneo. O campo não é a igreja, mas o mundo, e o ensino da parábola é que não devemos tentar exterminar os maus”²⁴. John Carter concordou com isso: “...’os filhos do Reino’ e ‘os filhos dos ímpios’ devem conviver na terra até o final dos tempos. É muito claro que [a parábola] não é... uma injunção para a igreja reter no rol de seus membros aqueles que vivem desordenadamente ou que são manifestadamente incrédulos”²⁵.

Talvez essa parábola tenha sido contada para ajudar os discípulos a entender por que tantas pessoas não eram receptivas: o inimigo deles, o diabo, estava em atividade. Ela também deve ter dado a eles uma visão mais clara da natureza de longo alcance do trabalho que estavam realizando.

As Parábolas do Grão de Mostarda e do Fermento (Mateus 13:31–33; Marcos 4:30–32)²⁶

De acordo com o registro bíblico, as demais parábolas contadas naquele dia eram muito curtas e não incluíam explicações. A primeira delas deu continuidade ao tema da semente que cresce: a parábola do grão de mostarda. Aqui a ênfase era o tamanho da semente comparado à planta final: o grão de mostarda era minúsculo²⁷, mas produzia uma planta enorme²⁸. Mais uma vez, isto provavelmente foi dito para encorajar os discípulos: embora o movimento de Cristo tivesse tido um início pequeno, ele se espalharia e teria êxito além dos sonhos mais extraordinários deles, desde que permanecessem fiéis à tarefa de semear. A verdade desta parábola pode ser vista hoje em regiões como a África e a Índia.

Na próxima parábola (a parábola do fermento), o cenário mudou de um agricultor em seu campo para uma mulher fazendo pão para a família. Uma explicação se faz necessária aqui para os que des-

²⁴McGarvey e Pendleton, p. 339.

²⁵Carter, p. 132.

²⁶Vários pares de parábolas compatíveis são apresentados nesta série. Este é um deles.

²⁷A afirmação de Jesus de que o grão de mostarda era menor do que todos os outros grãos aplicava-se àquela época, não necessariamente a outras épocas e locais. Se puder, compre uma semente de mostarda e mostre sua pequenez aos ouvintes.

²⁸Novamente, pense na árvore de mostarda daquela época e local, não necessariamente na mostarda que você conhece. J. W. Roberts disse à sua classe que as árvores de mostarda citadas por Jesus cresciam à altura de um homem montado a cavalo.

²³A outra é a parábola da rede de peixes.

conhecem o preparo de pães antes da invenção dos fermentos prontos²⁹: quando uma mulher fazia pão, ela amassava uma pequena porção de farinha e a guardava embrulhada num lugar quente. Da próxima vez que ela fosse fazer pão, ela trabalhava aquela porção juntamente com o restante da massa e reservava a massa. O fermento se espalhava por toda a massa, fazendo-a crescer. A seguir, ela pegava uma pequena porção dessa massa para usar na próxima vez que fizesse pão. Com o passar do tempo, uma pequena porção do fermento teria levedado centenas, até milhares de unidades de pães.

Embora a imagem seja diferente, a mensagem parece ser basicamente a mesma da parábola do grão de mostarda: a Palavra gera um poder que a capacita a se espalhar e crescer³⁰. Esta verdade é um encorajamento para quem está tentando propagar o evangelho. E contém um significado especial para os cristãos de hoje que trabalham com o ministério *A Verdade para Hoje*.

As Parábolas do Tesouro Escondido e da Pérola de Grande Valor (Mateus 13:44–46)

O restante das parábolas de Mateus 13 pode ter sido dito em particular aos discípulos (v. 36). As duas primeiras parábolas desse segmento formam uma dupla: ambas são sobre homens que localizaram algo de grande valor. O primeiro desenterrou um tesouro acidentalmente (v. 44), e o segundo encontrou uma pedra muito procurada (vv. 45, 46)³¹. Em cada caso, o homem reconheceu o valor do que havia descoberto e pagou o preço para adquirir o tesouro. Muitas lições podem ser extraídas dessas parábolas³², mas um dos propósitos certamente foi encorajar os seguidores de Jesus. O desafio lançado diante deles era digno de todo sacrifício necessário para vencê-lo.

²⁹Obviamente, não existiam naquela época os pães industrializados nem as máquinas de fazer pão.

³⁰Via de regra, o fermento é usado no Novo Testamento num sentido negativo, para ilustrar uma influência indesejável (Mateus 16:6; 1 Coríntios 5:6–8; Gálatas 5:9). Ambas as parábolas do grão de mostarda e do fermento podem ter sido uma advertência aos discípulos contra a influência insidiosa do mal. No contexto, porém, a intenção parece ser de uma perspectiva positiva em ambos os casos.

³¹Se quiser, dê exemplos de como alguns descobrem o “tesouro” do evangelho acidentalmente, enquanto outros o acham após muito procurar. Talvez a maneira mais comum de pessoas descobrirem o evangelho acidentalmente seja através de um amigo cristão.

³²Publicamos um sermão sobre essas duas parábolas na edição “Conheça o Mestre, 1” de *A Verdade para Hoje*, pp. 29–35. O sermão destaca a necessidade de estar disposto a pagar o preço.

A Parábola da Rede de Pesca (Mateus 13:47–50)

A série de parábolas encerrou-se com uma história sobre se pescar no mar da Galiléia com uma rede que recolhia peixes bons e maus. Quando um judeu ouvia “bom” e “mau”, ele provavelmente pensava em “puro” e “imundo”. A Lei permitia que só comessem peixes com barbatanas e escamas (Levítico 11:9–12). Porque a rede pegou peixes puros e imundos, era necessário que os pescadores separassem os que eram comestíveis dos que não eram. Jesus comparou esse processo de separação com o Juízo final. Neste sentido, esta parábola seria como a do joio. Ela também poderia conter uma lição adicional para os discípulos. Jesus disse: “...eu vos farei pescadores de homens” (Mateus 4:19). Agora, talvez Ele estivesse lhes dizendo para não se surpreenderem com “a pesca” resultante do ensino por eles anunciado.

CONCLUSÃO

Naquele dia Jesus usou pelo menos duas outras ilustrações que geralmente são classificadas como parábolas: a referência à luz de uma candeia (Marcos 4:21, 22; Lucas 8:16, 17) e o exemplo de coisas velhas e novas tiradas do tesouro de um homem (Mateus 13:52). Todavia, precisamos trazer essa lição para mais perto de nossos corações. Na próxima lição, completaremos a análise do “dia agitado”, estudando a travessia pelo mar da Galiléia e as aventuras decorrentes dessa viagem.

Após Jesus ter contado as parábolas, Ele fez uma pergunta aos Seus seguidores. A resposta deles me faz rir. Jesus perguntou: “Entendestes todas estas coisas?”, e eles responderam: “Sim!” (Mateus 13:51). Pode ser que tenham entendido parcialmente, mas os acontecimentos subsequentes indicam que o entendimento deles era limitado. Se você e eu quisermos tirar algum proveito desta lição—e de todas as lições desta série—teremos de prestar atenção a duas instruções do Senhor: “Atentai *no que* ouvis” (Marcos 4:24; grifo meu); e: “Vede, pois, *como* ouvis” (Lucas 8:18; grifo meu). “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Marcos 4:9; veja v. 23).



Notas

São inúmeros os livros sobre parábolas da Bíblia. Toda parábola, incluindo as menores, pode ser usada como base para um sermão. Na edição “Conheça o Mestre, 1” há um sermão sobre o tesouro escondido e a pérola de grande valor. Há tanto potencial didático nas parábolas que é possível se fazer uma série sobre elas a ser ministrada nos encontros durante a semana, servindo de complemento para o estudo da vida de Cristo aos domingos.